



ISSN 2674-8169



Qualis B3
2021-2024

Latindex



DOI

Google
Acadêmico

FUNDAÇÃO DO DCE DA UNIVERSIDADES ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA- UESB NOS ANOS DE (1994- 2005): DEBATES E CONQUISTAS EDUCACIONAIS.

Maria Gamaliélia do Socorro Limeira Coutinho¹, Ana Carolina Gusmão Coutinho²



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2026v8n8p1093-1109>

Artigo recebido em 20 de Julho e publicado em 20 de Agosto de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

O presente artigo busca compreender como se deu o processo de fundação do Diretório Central – DCE da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, na perspectiva de entender que essa entidade desempenha um papel fundamental, além disso, o DCE atua como um defensor dos direitos dos alunos, lutando por melhorias nas condições de ensino, de infraestrutura e de políticas públicas voltadas para a educação superior. Por meio de sua atuação, a entidade busca garantir um espaço universitário mais justo e acessível para todos, sem deixar de lado a promoção de valores como a solidariedade e o engajamento social, defende os acadêmicos e estimula um ambiente democrático e inclusivo. Dessa forma, fomenta os direitos dos estudantes e sua inserção crítica no contexto do capitalismo e das contradições das políticas Educacionais, reivindicando seus direitos. A entidade se faz presente nos debates educacionais baianos e nacionais, nos Congressos e Fóruns. Sua atuação garante a permanência de programas que

¹ Maria Gamaliélia do Socorro Limeira Coutinho é Mestra em Educação e Contemporaneidade- Processo Civilizatório: educação, memória e pluralidade cultural- UNEB. Especialista em História Social: Brasil, é graduada em História pela UESB. Atua como professora de História, História da Cultura Afro-Brasileira e Indígena na rede pública de Vitória da Conquista, com experiência também em gestão escolar e coordenação pedagógica. Possui trajetória acadêmica e profissional voltada à História da Educação, movimentos sociais e educação popular. Integra grupos de pesquisa e desenvolve estudos nas áreas de educação, cultura e políticas educacionais. DOI 10.64622/DF9786552036315.06

² Ana Carolina Gusmão Coutinho é graduanda do IV Semestre do curso de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB.



contribuem para a melhoria da vida dos discentes, independentemente de qual governo esteja no poder, pois o foco do DCE é garantir a efetivação dos direitos dos estudantes em uma instituição pública, gratuita e de qualidade, mas que lhes deem condições de permanência na instituição e autonomia nas participações políticas que envolvam as suas condições educacionais.

Palavras-chave: Fundação do DCE, Políticas Educacionais, Ensino Superior, Resistência, Autonomia Estudantil.

1- INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo reconstruir, a partir da experiência vivida, o processo de reorganização do movimento estudantil na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, no início da década de 1990, com ênfase no período entre 1994 e 2005. Trata-se de um exercício de memória crítica que articula vivência, análise histórica e reflexão política acerca da formação de coletivos estudantis, sua expansão regional e sua inserção no cenário nacional.

A década de 1990, marcada por intensas transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil pós-redemocratização, abriu espaço para a reorganização dos movimentos sociais, dentre eles, o movimento estudantil, que buscava redefinir suas pautas, estratégias e forma de atuação. Nesse contexto, a UESB, com seus campi em Vitória da Conquista (sede), Jequié e Itapetinga, constituiu-se como espaço fértil para o surgimento de novas articulações políticas estudantis.

Com jovens advindos de diferentes cidades do interior baiano, como Jequié, Vitória da Conquista e Itapetinga, o ano de 1993, representou não apenas um marco individual, mas, sobretudo, um ponto de inflexão coletivo. Esses alunos traziam experiências prévias no movimento estudantil secundarista e motivados por ideias de transformação social. Diante dessas atitudes é que os estudos de Gatti Júnior (2011, p.47- 93) evidenciam que as instituições educativas são lugares de permanentes tensões. Trata-se de projetos arquitetados e desenvolvidos a partir do quadro sociocultural no qual está inserido o ambiente acadêmico. Os estabelecimentos de ensino são, por assim dizer, coletivos de trabalho, sistemas de relações onde os atores interagem entre si segundo lógicas hierárquicas e classificatórias, e em acordo com as normas burocráticas de agrupamento e de relacionamento. Neste sentido, cada espaço possui uma cultura particular que corresponde aos modos de apropriação das normas burocráticas e aos ditames do poder político, engendrando formas próprias de criação dos imperativos de ordem econômica, política e institucional.

Em termos práticos, Gatti Júnior argumenta que a convivência universitária possibilitou o encontro de trajetórias diversas que, ao se cruzarem, deram origem a um processo orgânico de articulação política. Esse encontro não foi planejado institucionalmente, mas emergiu como uma “coincidência histórica”, expressão de um momento em que diferentes sujeitos compartilhavam inquietações semelhantes.

Dessa convergência nasceu um coletivo estudantil que, inicialmente, estruturou-se de forma horizontal e agregadora, reunindo estudantes de múltiplos cursos. Esse grupo não apenas articulava debates políticos, mas também, promovia a reativação de espaços institucionais fundamentais para a representação dos universitários, como os Centros acadêmicos (CAs).

Cabe abrir uma ressalva de que, nesse processo, é preciso mencionar que anteriormente, houve uma tentativa de fundar um DCE, o qual mobilizou a massa estudantil em 1982, com alunos de vários cursos, entre eles: Administração e Zootecnia. De início, com pouca experiência, a organização era chamada de DCE Livre, um termo usado para marcar a independência da entidade em relação à reitoria e ao governo da Ditadura Cívil-Militar, seguindo a tendência nacional de reorganização da UNE³ e de resistência ao período final da ditadura militar. Os estudantes lutavam principalmente por: **Infraestrutura básica:** O campus ainda estava em fase de construção física; **Assistência Estudantil:** Garantia de transporte e alimentação para os alunos; **Democratização:** Participação ativa nas decisões da recém-criada universidade.

Inicialmente, não houve eleições, montando-se a Chapa Edson Luís, em 1982. O nome foi escolhido em homenagem a Edson Luís de Lima Souto, o primeiro estudante assassinado pela ditadura militar em 1968, simbolizando o caráter combativo e de

³ O Conselho Nacional de Estudantes se reuniu na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, e fundou a **União Nacional dos Estudantes (UNE)**, em 11 de agosto de 1937, para ser a entidade máxima destinada a promover a defesa da qualidade de ensino, do patrimônio nacional e da justiça social. A oficialização da UNE como representativa dos universitários aconteceu por meio do Decreto-Lei 4.080, de 1942, sancionado pelo presidente Vargas. Porém, com o Golpe Militar de 1964, o movimento estudantil se tornou ilegal, permanecendo nessa condição por 20 anos.

resistência do movimento estudantil que nascia junto com a universidade. Essa alcunha é tão emblemática na história da UESB que, décadas depois, em 2024/2025, uma nova gestão do DCE a retomou em homenagem às origens da entidade e ao legado de luta. Contudo, por motivos nunca documentado, o DCE não permaneceu e foi extinto sem muitas explicações orais e muito menos documental, o que permite inferir que a universidade ainda caminhava para alguns trâmites de legalizações.

METODOLOGIA

As pesquisas na área do Ensino de História partem de demandas suscitadas pela própria realidade social e podem ser utilizadas tanto para legitimar a ordem estabelecida quanto para propor mudanças nas estruturas que a compõem. Tudo isso estimula o debate sobre os métodos a serem usados e a maneira como os problemas serão tratados.

A pesquisa foi realizada utilizando técnicas qualitativas de investigação para capturar narrativas diversas e muitas vezes fragmentadas, encontradas em documentos de arquivos do DCE da UESB, registros públicos e particulares, reportagens de jornais e em relatos orais. Pretendeu-se submeter as fontes a uma leitura crítica, na qual aquilo que foi dito e o que não foi dito, pudessem ser identificados e problematizados. A metodologia adotada partiu do pressuposto de que as fontes são constructos culturais que expressam visões de mundo e dos fatos históricos. Dessa forma, elegeu-se como perspectiva a análise do discurso das narrativas presentes nas referências escritas e nos relatos orais. Por conseguinte, é importante destacar que a pesquisa buscou analisar as relações entre os discursos, as narrativas e os contextos históricos vivenciados pela cidade e pelo país no período abordado.

Por intermédio dessa trajetória investigativa, buscou-se considerar os múltiplos aspectos e sujeitos que constituem a temática abordada na pesquisa. Nesse contexto, entende-se que os estudos de natureza qualitativa, assentados em métodos e pressupostos epistemológicos específicos, contribuem para o desdobramento desse trabalho. Na obra *Investigação qualitativa e educação*, João Amado (2013) afirma que:

A investigação qualitativa consiste numa pesquisa sistemática, sustentada em princípios teóricos (multiparadigmáticos) e em atitudes éticas, realizadas por indivíduos informados (teórica, metodológica e tecnicamente) e treinados para o efeito; pesquisa que tem como objetivo obter junto dos sujeitos a investigar (amostras não estatísticas, casos individuais e casos múltiplos) a informação e a compreensão (o sentido) de certos comportamentos, emoções, modos de ser, de estar e de pensar (modos de viver e de construir a vida); trata-se de uma compreensão que se deve alcançar tendo em conta os contextos humanos (institucionais, sociais, culturais) em que aqueles fenômenos de atribuição de sentido se verificam e tornam únicos (AMADO, 2013, p. 139).

Desse modo, ao definir a escolha por esse tema, parte-se do pressuposto de que é preciso enfrentá-lo, ressignificá-lo e utilizá-lo como objeto de estudo. Essa abordagem pode ajudar a aprofundar o debate sobre a participação, a contribuição, a negociação, as estratégias de luta e resistência pela sobrevivência, visando obter as melhorias sociais e educacionais que esses agentes históricos construíram e constroem face à presença dessa realidade.

As pesquisas na área do Ensino de História partem de demandas suscitadas pela própria realidade social e podem ser utilizadas tanto para legitimar a ordem estabelecida quanto para propor mudanças nas estruturas que a compõem. Tudo isso estimula o debate sobre os métodos a serem usados e a maneira como os problemas serão tratados.

A investigação qualitativa parte do pressuposto de que os fenômenos sociais se originam das relações diversas e complexas que as pessoas estabelecem na sociedade por meio das interações com outros sujeitos constitutivos do tecido social. Por isso, qualquer análise deve considerar a forma como as realidades sociais foram produzidas, experimentadas e interpretadas pelos múltiplos agentes históricos.

Um fundamento importante da investigação qualitativa é a representação social, aqui considerada sob o olhar de Jodelet (2001):

Sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis por que construímos representações. E, da mesma forma que, ante as coisas, pessoas, eventos ou ideias, não somos equipados apenas com automatismos, igualmente não somos isolados em um vazio social: compartilhamos o mundo com outros, neles nos apoiamos – às vezes convergindo; outras, divergindo – para compreendê-lo, gerenciá-lo ou afrontá-lo. Por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la [...]. Elas circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais [...] (2001, p. 17).

Além disso, para Jodelet (2001), as representações expressam as visões de mundo dos agentes e grupos sociais que as constroem. Essas visões e definições estabelecem um olhar consensual acerca da realidade, o qual ancora, as ideias, as ações e as interações sociais de seus compartilhadores. Entretanto, tais percepções podem divergir e provocar conflitos com as representações engendradas por outros indivíduos e grupos sociais. Elas seriam formadas por “elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc.” (p. 4). Esses elementos constituem um saber, uma totalidade orientadora das condutas individuais e coletivas e das relações que estabelecemos com os outros e com o mundo.

A REATIVAÇÃO DOS CENTROS ACADÊMICOS E A EXPANSÃO ORGANIZATIVA LOCAL, REGIONAL E NACIONAL DA UESB.

Um dos marcos fundamentais desse processo foi a reativação dos Centros Acadêmicos (CAs), especialmente aqueles que se encontravam inativos ou fragilizados. Destacam-se, nesse contexto, os CAs dos cursos de História, Agronomia, Administração, Contabilidade e Letras. A retomada dessas entidades representativas não se deu de maneira isolada, mas como parte de uma estratégia

coletiva de reorganização do movimento estudantil na universidade. Esse processo fortaleceu a base organizativa e ampliou a capacidade de mobilização de uma rede de atuação intercampi.

A articulação entre os três campi da UESB foi um elemento decisivo para o crescimento do movimento. Ao superar as barreiras geográficas, o Coletivo conseguiu estabelecer uma dinâmica integrada, que potencializou uma identidade política comum. O crescimento do Movimento Coletivo estudantil extrapolou os limites da universidade, adquirindo dimensão estadual e, posteriormente, nacional. A participação em congressos estudantis e encontros organizados pela União Nacional dos Estudantes UNE⁴ foi fundamental para essa expansão.

As viagens realizadas para a cidade de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Barreiras, entre outras, não apenas ampliaram o horizonte político dos participantes, mas também inseriram o movimento UESB em uma rede nacional de debates e mobilizações. Nesse sentido, o Coletivo deixou de ser apenas uma articulação local para se constituir como parte ativa de um movimento estudantil brasileiro, contribuindo para a reorganização política que marcava o período pós - ditadura. O ápice desse processo organizativo ocorreu com a fundação do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UESB, em junho de 1994. A criação do DCE representou a institucionalização de um movimento que já se encontrava consolidado em sua base.

Diversos sujeitos desempenharam papel fundamental nesse processo, dentre os quais se destacaram: Marcelo Neves, Paulo Cobra, Alexandre Tiago, Isaías Alves, Joilson Bergher, Joceli Santos, Davino Nascimento, Otávio, Lelito Caictano, Edson Souza, Danilo Moreira, Ricardo Marques, Generosa Sousa Ribeiro, Marcos Andrade (in memoriam), o Deputado Orlando Silva Barreto, José Walter, Noeci Macedo (in memoriam), Allan Denizzard Coutinho, Eduardo Leite e Rômulo Spósito. Esses e outros estudantes que simbolizam a dimensão coletiva do movimento estudantil de Vitória da Conquista, construído a partir da participação ativa de múltiplos

autores e que hoje ocupam diversas funções na sociedade. O DCE tornou-se, assim, o principal instrumento de representação estudantil da universidade, articulando demandas internas e dialogando com pautas mais amplas do movimento estudantil conquistense e brasileiro.

Conforme elucidou Marx (2009, p.48) “[...] a sociedade é produto da ação recíproca dos homens”. Nesse sentido, a sociedade civil articula-se à sociedade política, uma vez que as forças produtivas, base de toda a sua história, resultam da ação prática dos indivíduos. Essa dinâmica é circunscrita pelas forças herdadas de uma geração anterior, que servem de matéria-prima para a estruturação de uma nova produção e, por conseguinte, de uma nova forma de organização das relações sociais.

Diante do exposto, cabe destacar que a ação do movimento estudantil para a fundação do DCE em Vitória da Conquista estendeu-se por várias décadas. As sementes plantadas germinaram e continuam vivas, atuando e guiando outras organizações estudantis, pois desses movimentos ficaram ideias que resistiram e ajudaram a reconstruir tempos mais democráticos. Esse legado é fruto do trabalho de sujeitos que acreditaram e, historicamente, mesmo que inconscientes, impulsionaram a criação de entidades dentro da instituição acadêmica, principalmente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com o Diretório Central dos Estudantes, assim como os Centros Acadêmicos (CAs).

DCE: DA ARTICULAÇÃO LOCAL À PROJEÇÃO ESTADUAL E NACIONAL

Em 19 junho de 1994, por intermédio de um congresso, o DCE da UESB foi fundado. No momento da fundação, organizaram-se dois grupos distintos: a chapa “Saudações a quem tem Coragem”, vinculada à União da Juventude Socialista (UJS) e ao PCdoB, e a chapa “O Coletivo”, liderada por estudantes do PT (Partido dos Trabalhadores). Neste mesmo ano, quem constituiu a maioria de votos e ganhou no DCE, foi a chapa O Coletivo, sendo o diretor Marcelo Neves, do curso de Administração. Entre 1994 e 1995, montou-se uma direção provisória do DCE, no entanto, nessa gestão provisória, todos que concorreram fizeram parte da gestão com alguns cargos sendo distribuídos entre eles. Dessa forma, engajando, fortalecendo e impulsionando ainda

mais o movimento. Estudantil da UESB.

A primeira eleição direta para o DCE aconteceu em 1995, quando a UJS lançou a chapa com o nome A Novidade, para disputar contra “O Coletivo”, que foi novamente vitoriosa sob a liderança de Marcelo Neves. Assim, “O Coletivo” atuou na gestão central de 1994 a 1998. Vale ressaltar, contudo, que a UJS manteve forte liderança à frente de vários Centros Acadêmicos (CAs), consolidando suas bases. Dessa forma, nas eleições de 1998, a UJS lançou a chapa “Universidade para dar vida ao DCE”, que venceu a disputa contra a chapa “Feliz Aniversário”, encabeçada por Greco Antunes, do Curso de História.

A coligação Feliz Aniversário foi derrotada pela Universidade para dar vida ao DCE, que tinha como coordenadora-geral Cristiana Almeida Souza, do Curso de Letras. Os alunos que também compuseram essa chapa foram Danilo Moreira (Curso de *História*), Lorena Di Lauro (Curso de Letras), Marcos Andrade (Curso de História, in memoriam) e Edvanda Santos (Curso de Letras), entre outros que participaram a gestão. A proposta da diretoria eleita incluía: a criação do Restaurante Universitário; a implementação de políticas de assistência social para estudantes de baixa renda; a moradia estudantil; a ampliação e melhoria do espaço físico da universidade; a criação de novos cursos conforme as necessidades de cada região (Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga); e a ampliação e melhoria da biblioteca. Durante a gestão, ocorreu o 1º Festival Universitário da Bahia (FUBÁ), entre os dias 12 e 15 de novembro de 1998, contando com divulgações com cartazes e até outdoor. Esse importante evento movimentou bastante a universidade e a cidade, gerando uma participação significativa dos estudantes locais, dos outros dois campi, bem como de todo o estado. O evento contou com a vinda de alunos da UFBA e de outras universidades da Bahia. Durante os turnos, foram oferecidas várias oficinas sobre diversos assuntos, além de vários debates, palestras, shows e concurso de música (Canção).

O festival teve a participação da poeta Alice Ruiz (poeta, publicitária, letrista, tradutora), do escritor Bruno Tolentino (poeta e escritor), do agitador cultural Waly Salomão. Vale ressaltar que a gestão também organizou a luta contra o antigo Provão. Embora não houvesse políticas voltadas para garantir a permanência estudantil na universidade, a diretoria foi incansável na promoção de atividades de caráter cultural e político. O objetivo era mobilizar a comunidade acadêmica a ocupar os órgãos institucionais, como o CONSU e o CONSEPE, para que, a partir da representação nesses

espaços, fosse possível conquistar melhorias para a categoria.

Faz-se necessário abrir um parêntese aqui para uma breve explicação sobre as chapas criadas dentro da UESB acerca da disputa de eleições pois, como em todos os movimentos estudantis brasileiros desde o período da redemocratização, as forças locais são influenciadas por partidos políticos e assim aconteceu dentro da UESB, com os grupos que concorriam às eleições. Porém, existe uma particularidade no caso das alternâncias entre chapas representativas para o DCE: muitas vezes, membros de grupos que eram apoiados pelo PT ou PC do B se mesclavam sem nenhuma divergência, havendo respeito mútuo. Os militantes entendiam que a luta era coletiva e buscavam melhorias para os estudantes. Por essa razão, nota-se que as coligações apresentavam propostas semelhantes, pois a disputa pelas políticas educacionais e pelas melhorias estudantis partia de vivências parecidas.

Diante do que foi exposto no parágrafo acima, alinha-se ao que Oliveira (2011, p.323), afirma, “o sentimento de pertencimento a um grupo, de compartilhamento de um mesmo coletivo que tem regras comuns, valores e atitudes é indispensável não só aos alunos, mas, sobretudo, aos profissionais. A coesão de um sistema educacional é vital para seu desenvolvimento e melhoramento”.

Retomando sobre as eleições das chapas para assumir a direção do DCE, é válido registrar que todas as gestões das coligações que compuseram o DCE, lutaram contra as políticas educacionais do governo supracitado no título do artigo, por afetar diretamente as diretrizes educacionais da universidade. Desta forma, houve alguns grupos com boas propostas e outras que foram combativas e enfrentaram as ações governamentais para a educação com bravura. Várias gestões ocuparam o DCE. A chapa “ Não vou me Adaptar” (1999-2000), tendo como coordenador Allan Denizzard Limeira Coutinho, juntamente com docentes de vários cursos, entre eles: Omar Ribeiro (Ciências da Computação), Taguay (Comunicação), Nayana Gusmão (Direito).

A plataforma política teve como propostas; algumas melhorias que beneficiassem aos alunos tais como: informatização da biblioteca (os estudantes pregaram uma placa na entrada do teatro Glauber Rocha contando os dias da vergonha), já que, das quatro universidades estaduais baianas, a UESB era a única que ainda não tinha informatizado a biblioteca e o pedido de ampliação da infraestrutura do campus para novos cursos superiores com a finalidade de atender à demanda das famílias sem recursos para enviar

seus filhos para estudar em outras localidades. Somavam-se a isso a reivindicação contra a falta de professores, a cobrança por transporte para atividades práticas e a campanha da carona voltada aos alunos carentes de recursos, por meio de placas com a seguinte frase: “Dê carona para um estudante”. Além disso, a gestão promoveu o Estágio de Vivência Rural e atividade de formação e mobilização social e política educacional para os alunos. Essa diretoria optou por não envolver quadros políticos do PT, pois para o coordenador, o estudante precisava se compreender como classe trabalhadora, priorizando formar militantes de esquerda para a sociedade e não para o partido. Por fim, os integrantes participavam ativamente de assembleias para debater o calendário pós-greve, preparando o terreno, ainda que sem saber, para as eleições de 2004.

A chapa “Um Convite à Rebeldia”, de (2000- 2001 teve à frente o coordenador geral Aldo Clecius, estudante do curso de Comunicação Social. Ele atuou na sua gestão para melhorar as questões de comunicação dos trabalhos do DCE, divulgando aos discentes e aos docentes os acontecimentos de simpósios, congressos, solicitando à reitoria melhores transportes para as aulas de campo e motivando os alunos a participarem das assembleias de professores. Essa chapa foi sucessora de “Não vou me Adaptar”, e, embora esta última guardasse ressalvas quanto à atuação partidária na base, ambas contavam com o apoio de militantes vinculados ao Partido dos Trabalhadores, mesmo com membros não filiados. Entretanto, um dos grupos que fizeram história na gestão do DCE na UESB, no período de 2004-2005 foi a “ DECLARE GUERRA A QUEM FINGE TE AMAR”. Evidencia-se essa chapa porque houve uma série de acontecimentos marcantes nessa administração, que teve o docente do curso de Agronomia, Rômulo Spósito das Virgens como coordenador, além de outros componentes tais como: Morgana Poesis (Comunicação) Lívia Gusmão (História) Dayse Maria (Geografia), Dendê e Kátia (Geografia). Concorrendo com a Chapa Inovação, sendo candidato, o aluno Rony Peterson (História), juntamente com Alexandre (Ciências Contábeis), Carlos (Geografia), Abraão (Geografia.) e Joca (Direito). Essas eleições ocorreram na gestão do Reitor Abel Rebouças, momento apontado por integrantes do movimento como a inserção de lógicas de extrema-direita na instituição. A chapa “Inovação” autodeclarava-se de esquerda, contudo, na dinâmica interna, apresentava-se alinhada a uma postura conservadora, sendo acusada na época de ser aparelhada e financiada pela reitoria.

Aquela foi a primeira eleição que a esquerda enfrentou uma direita organizada. A

chapa “ Declare guerra a quem finge te amar” venceu com 70% dos votos graças à ajuda da UJS, que optou por não lançar candidatura própria para não dividir as forças progressistas, pois também percebeu a articulação para assumir a coordenação do DCE. O que diferenciou essa chapa de todas as outras, naquela conjuntura política, foi o rompimento das amarras com uma parte do que sobrou do antigo coletivo. Tratava-se de uma nova fase, na qual o vínculo era mais direcionado aos movimentos sociais populares do que ao campo puramente partidário. Para compor a Comissão Organizadora da Eleição, foi convidado o aluno Allan Denizzard Limeira Coutinho, veterano, já no último semestre do curso de Agronomia, ex-Coordenador- Geral do DCE, Coordenador de Executiva Nacional de Curso e sua atuação na FEAB (Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil), fez formar um panorama político não passageiro, consolidaram uma conjuntura experiente. Ele somou à gestão de Rômulo dando suporte técnico e trazendo sua vivência com movimentos populares, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), o que fortaleceu a diretoria e garantiu a lisura do processo eleitoral.

A semente plantada na gestão da Chapa “ Não Vou Me Adaptar” fez a história se concretizar por intermédio de muitos embates com portões fechados, correntes com cadeados, ocupação da residência universitária e a luta para a abertura do restaurante universitário. A organização inicial do DCE já pautava as necessidades da instituição, entre elas, a implantação de um restaurante e de uma política de assistência estudantil. Inicialmente, o DCE promoveu seminários com discussões importantes, tais como, a evolução do Ensino Superior no Brasil e as causas e consequências da reforma universitária. Os alunos sabiam exatamente o que estavam passando, a massa estudantil sentia na pele a dificuldade de garantir o acesso, sua permanência e a conclusão do curso sem perspectiva de onde morar e como se alimentar. Historicamente, o grupo de estudantes reivindica locais de moradia para garantir a conclusão da graduação, pois isso pode significar a permanência ou evasão na Universidade.

Desta forma, pode-se afirmar que a gestão 2004-2005, teve o arrojo de romper com as amarras da mentalidade de quem só pode estar no ensino superior é a elite. Não foi fácil e ainda continua com muitas deficiências manter a residência e o restaurante universitário da UESB. Mas, o difícil foi dar os primeiros passos e neste caso, houve a necessidade de os movimentos populares exercerem pressão junto ao corpo docente

para que esse feito beneficiasse os estudantes em situação de vulnerabilidade econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reconstrução do movimento estudantil na UESB, entre 1994 e 2005, evidencia a potência da organização coletiva e da articulação política entre diferentes sujeitos e territórios. O processo iniciado nos campi de Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga demonstrou que, mesmo em contextos adversos, é possível construir movimentos sólidos, capazes de alcançar projeção estadual e nacional

A rememoração dessa experiência não deve ser entendida como mera nostalgia, mas como um convite à reflexão sobre os desafios contemporâneos do movimento estudantil. Em tempos de novas formas de sociabilidade e organização política, a memória desses processos históricos pode servir como referência para a construção de novas estratégias de mobilização

Por fim, reafirma-se que aqueles que participaram da fundação e coordenação desse movimento constituem-se como sujeitos da memória, portadores de uma experiência que ultrapassa o tempo e permanece como patrimônio coletivo da universidade e da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, João (coord.). **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

GATTI JÚNIOR, D. Intelectuais e circulação internacional de ideias na construção da disciplina História da Educação no Brasil (1955-2008). In: CARVALHO, M. M. C. de;



GATTI JÚNIOR, D. (org.). **O ensino de história da educação**. Vitória: EDUFES, 2011. p. 47-93. (Coleção Horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil, v. 6)

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia**: resposta à filosofia da miséria do Sr. Proudhon. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SANTANA, Alexandrina Mendes. **Residência, resistência**: luta pela implantação de uma política de permanência estudantil universitária na Uesb – 2004-2008. 2014. 38 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014. Disponível na Biblioteca da UESB.

DEMAIS REFERÊNCIAS

FONTE ADMINISTRATIVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA- UESB. Arquivo do Diretório Central dos Estudantes - DCE - coordenadora Geral: Lívia Arcanjo - Pesquisa realizada no arquivo pela docente Ana Carolina Gusmão Coutinho

FONTES ORAIS



Allan Denizzard Limeira Coutinho - Entrevista realizada em 14 de maio de 2026

Cristiana Almeida Souza - Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2026

Danilo Moreira da Silva - Entrevista realizada em 27 de maio de 2026

Joilson Bergher - Entrevista realizada em 02 de junho 2026

Lelito Caictano. Entrevista realizada em 29 de abril de 2026

Omar Costa Ribeiro - Entrevista realizada em 09 de junho de 2026

Rômulo Spósito das Virgens - Entrevista em 4 de maio de 2026.